

PERSPECTIVAS FICCIONAIS CONTEMPORÂNEAS SOBRE A MODERNIZAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO EM CIDADES DO “SUL”

Leituras Cruzadas de Cinzas do Norte, O Desejo de Kianda e Texaco

François Weigel¹

RESUMO: Num contexto de grandes transformações sociais e de modernização econômica e urbanística, *Texaco* (1992) de Patrick Chamoiseau, *O desejo de Kianda* (1995) de Pepetela e *Cinzas do norte* (2005) de Milton Hatoum, apesar de diferenças óbvias no que diz respeito às cidades de referência, mas também ao estilo e aos enredos, são três obras que retratam, através de uma estrutura fragmentada, a diversidade e a pulsação da vida num espaço urbano em que o capitalismo tende a desagregar os laços humanos. Tentaremos indicar em que medida os romances aqui discutidos oferecem um olhar sobre a modificação, mal planejada, das paisagens urbanas, assim como a destruição da natureza; iluminam o acirramento dos contrastes sociais e espaciais, que são germes da miséria e da violência urbana; e, por fim, destacam espaços periféricos que foram construídos para responder precipitadamente ao aumento das populações urbanas em regiões do mundo que foram marcadas pela colonialidade.

PALAVRAS-CHAVES: romance contemporâneo; cidades; literatura africana; literatura das Antilhas; literatura brasileira.

CONTEMPORARY FICTIONAL PERSPECTIVES ON THE MODERNISATION AND THE GLOBALISATION IN SOUTHERN CITIES: CROSSED READINGS OF *CINZAS DO NORTE*, *O DESEJO DE KIANDA*, AND *TEXACO*

ABSTRACT: In a context of important social transformations, and of economic and urbanistic modernisation, *Texaco* (1992) by Patrick Chamoiseau, *O desejo de Kianda* (1995) by Pepetela and *Cinzas do norte* (2005) by Milton Hatoum are three novels that, despite evident differences regarding the cities but also the plots and the writing styles, represent, with fragmentary structures, the diversity and the pulsation of urban life, whereas the capitalism tends to disaggregate the human bonds. We will try to analyse how these novels interrogate the destruction of nature and the transformation, badly planned, of urban landscapes; how they grasp the accentuation of social and spatial contrasts, that are seeds of poverty and urban violence; and, finally, how they represent peripheral zones that were built hastily because of the increase of the population, in areas that were all impacted by the colonisation.

KEYWORDS: contemporary novel; cities; African literature; Caribbean literature; Brazilian literature.

Em 1800, menos de 4% da população mundial era urbana. Em 1950, essa percentagem não atingia 30%. “Em 2007, a taxa de urbanização, ou seja a percentagem da população residindo nas cidades, atinge o patamar histórico de 50%” (PAULET, 2009, p. 5). Isso se dá, antes de tudo, por causa de um crescimento urbano acentuado, mal controlado, no hemisfério sul. A cidade europeia contemplada outrora por Baudelaire ou

¹ Membro do CELIS (Universidade Clermont Auvergne), Doutor em Literatura brasileira / Literatura comparada. francois.weigel@laposte.net

Walter Benjamin já era motivo de críticas por seus excessos, e no entanto conservava limites espaciais e humanos, incentivando os artistas a percorrerem suas ruas, deciframos seus signos, erguerem utopias. Mas o que dizer então da cidade da “supermodernidade”, época em que uma “surperabundância” de eventos, imagens, fluxos de informação e transportes “impõe às consciências individuais novas experiências e provas de solidão”, para retomar os termos de Marc Augé (1992, p. 25)? Segundo o antropólogo francês, “é preciso reaprender a pensar o espaço” (AUGÉ, 1992, p. 49) e, como o escreve, por outra parte, o filósofo Jean-Luc Nancy, “temos que saber ler nas entranhas da cidade sacrificada” (2004, p. 141), essa cidade que o filósofo descreve como “um tecido informe determinado por malhas, zonas ilhadas que juntam-se via canais, meandros e sinais, cujo conjunto é imperfeitamente qualificado pelos nomes de cidades ou bairros” (NANCY, 2004, p. 139).

Para Nancy, e essa também é nossa intuição, o poder da ficção e dos artistas é, mais do que nunca, necessário, a fim de colar os cacos deste mundo urbano fragmentado e iluminar as contradições das cidades contemporâneas. Nessa ótica, nosso estudo comparatista, centrado em três obras – *Texaco* (1992) de Patrick Chamoiseau, *O desejo de Kianda* (1995) de Pepetela e *Cinzas do norte* (2005) de Milton Hatoum –, visa a examinar as relações entre a escrita romanesca e o universo urbano contemporâneo em regiões do mundo que passaram por um processo de urbanização relativamente recente e extremamente rápido, muito mais tardio e acelerado do que aconteceu nos países da Europa e da América do Norte.² Ao considerar de forma paralela essas três obras, é essencial ressaltar o fato de que, nelas, as cidades representadas não são meras coincidências; não constituem apenas pretextos para que as histórias se desenvolvam. Nos três textos, são apresentados grandes projetos urbanísticos, que correspondem com a visão de uma cidade ordenada, controladora e normativa, e que acabam por corroer as identidades coletivas do bairro ou ameaçar o habitat dos personagens.

Em *Texaco*, “Oiseau de Cham”, um duplo do escritor martiniquense Patrick Chamoiseau transcreve a fala de Marie-Sophie Laborieux, líder comunitária de Texaco, um bairro da periferia de Fort-de-France – a capital departamental (“chef-lieu”) da Martinica –, ocupado ilegalmente, por volta dos anos 1950, no terreno em que funcionou um reservatório de combustível de uma empresa de petróleo. Em *O desejo de Kianda*, o escritor angolano Pepetela tece uma narrativa que se configura como uma alegoria das mazelas sociais da Angola, devastada pelo colonialismo e logo depois pela guerra civil. Em 1994, dois anos depois das eleições presidenciais realizadas num contexto muito agitado, os prédios de um bairro residencial recente, o Lago do Kinaxixe, habitado pela classe média de Luanda, ruem e caem todos, um por um. A narrativa de *Cinzas do norte*, que entrecruza os pontos de vista e as histórias de vários personagens pertencentes a

² Dos três espaços que as ficções estudadas retratam, o Brasil é o que passou por uma maior urbanização no século XIX, mas em termos quantitativos essa urbanização prévia é sem comparação com o que aconteceu no século XX, especialmente depois da segunda guerra mundial, momento em que o país conheceu uma profunda modernização econômica, em particular durante o governo de Juscelino Kubitschek, responsável pela construção de Brasília. “Com uma superfície de 8 557 000 km², o Brasil conheceu uma desruralização relativamente recente: em 1940, 69% da população ainda vivia no campo. Já em 2000, mais de 80% da população era urbana.” (PAULET, 2009, p. 61).

duas famílias de Manaus, uma rica e uma pobre, se desenvolve entre os primeiros anos da ditadura militar e os anos 1980 de reabertura democrática. As cinzas do título remetem tanto às trajetórias fracassadas dos personagens e às desilusões do narrador Olavo e de seu grande amigo de infância Raimundo, quanto às ruínas e às inúmeras reconstruções de Manaus.

Numa leitura cruzada desses três romances, escritos por autores de culturas diferentes, mas que foram todas marcadas pela colonialidade, tentaremos analisar de que maneira a ficção é capaz de levar o leitor a questionar os processos de modernização urbana que afetaram espaços geralmente agrupados sob a terminologia de regiões do “sul”. Não pretendemos aqui apresentar interpretações exaustivas dos textos, mas apenas elaborar uma reflexão sobre a relação entre a cidade e o romance contemporâneo em várias áreas econômicas e sociais periféricas. Articulando esta reflexão sob a égide conceitual das transformações atuais do espaço-tempo das grandes cidades, esperamos demonstrar que os romances podem ser compreendidos como instâncias de reflexão sobre o espaço urbano.

Parte I – “Modernização pelo avesso” e colonialidade

A cidade, entendida como um todo genérico, passou por várias ondas de modernização, em particular no século XIX na Europa industrial, quando grandes projetos de planificação foram elaborados a partir de uma concepção positivista do progresso e da “modernidade”. No caso do Brasil, se destacam os exemplos famosos do Rio de Janeiro, na época do prefeito Pereira Passos, ou de Manaus, onde o teatro Amazonas se ergueu e onde grandes avenidas, inspiradas pelo urbanismo parisiense do barão Haussmann, mudaram o centro da cidade, sob o mandato do prefeito Eduardo Ribeiro. No século XX, urbanistas e políticos continuam a querer “modernizar” a cidade e muitas vezes radicalizam suas concepções com o desejo de romper com o passado e de criar cidades funcionalistas e racionais. No entanto, e isso forma um ponto crucial da nossa reflexão, a modernização não respondeu sempre às expectativas e aos ideais prévios; ao contrário, engendrou em certas ocasiões consequências graves de um ponto de vista humano e social.³ A “modernização”, até mesmo, pode ser conservadora, como bem o demonstrou Roberto Schwarz nos seus estudos sobre “a reprodução moderna do atraso” (SCHWARZ, 2012, p. 283-284), em particular nos anos de ditadura militar no Brasil, momento em que “a integração ao sistema imperialista revive e tonifica parte do arcaísmo ideológico e político de que necessita para a sua estabilidade” (SCHWARZ, 1977, p. 86-87).

O romance *O desejo de Kianda* oferece ao leitor um exemplo claro de modernização esmagadora ou, por assim dizer, de “modernização pelo avesso” (FLORES JUNIOR, 2004). A “geração da utopia”, para retomar a expressão que serve de título para um romance anterior de Pepetela (2013), fracassou em seu desejo de construir um país

³ Para essas questões, podemos nos referir aos trabalhos de Henri Lefebvre (1968) sobre as ameaças contra um “direito à cidade”, ou seja, contra a ideia de que a cidade é um espaço de sociabilidade e de cidadania.

mais justo. A guerra civil, no presente narrativo, devasta o país logo após as eleições de 1992. As elites políticas e religiosas (um dos personagens principais, sintomaticamente, se chama João Evangelista e é filho de um pastor fundamentalista) não têm mais o sentimento da nação e impõem seus interesses pessoais e partidários. A personagem Cara Carmina de Cu, chamada de CCC (um apelido que, não à toa, remete ironicamente ao Comitê Central do MPLA), uma militante comunista, esquece rapidamente seus pressupostos ideológicos para lucrar muito com o comércio de armas e proteger-se no seu carro blindado, enquanto o povo anda esfomeado a pedir esmolas pelas ruas de Luanda.

Em outras palavras, a Angola voltada para o futuro está apagando o passado e as solidariedades internas que lhe permitiram adquirir a liberdade frente aos colonos portugueses. A ânsia pela “modernidade” não rima com o “progresso” em termos sociais e humanos, e as ruínas dos prédios do largo do Kinaxixi remetem, simbolicamente, ao colapso dessas aspirações modernizadoras. Nesse bairro, teria vivido, por volta de 1930, uma figura mítica denominada Kianda, soterrada no lago que fora extinto para dar lugar a empreendimentos imobiliários. Um registro maravilhoso invade a narrativa de Pepetela, na qual o Largo do Kinaxixe é o teatro de uma luta entre essa figura lendária, Kianda, inconformada com o destino do lugar, e Carmina, que passa de revolucionária marxista a “deputada e ‘empresária’, isto é, beneficiária do Estado que, ao realizar a ‘abertura’ da economia ao capital, abre caminho aos fraudadores e ao ‘esquema’ [corrupção]”, para retomar as palavras da crítica Tânia Celestino (2002, p. 321). Kianda, deusa africana das águas, é portanto a figura alegórica da ira contra uma vontade de modernização cega, que marginaliza as culturas africanas desde séculos, no período colonial e agora no seio do mercado internacional capitalista, numa Angola dividida e movida pela cobiça. Esta dimensão alegórica se torna absolutamente clara nos últimos capítulos do livro, como bem o demonstra a seguinte passagem:

Se tratava dum lamento de Kianda, como já tinham previsto anteriormente, que queixava de ter vivido durante séculos em perfeita felicidade na sua lagoa, até que os homens resolveram aterrar a lagoa e puseram cimenta e terra e alcatrão por cima, construíram o largo e edifícios todos à volta. Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou, até que os prédios caíssem todos, um a um, devagarinho, era esse o desejo de Kianda”. (PEPETELA, 1995, p. 109).

Evidentemente, as situações políticas, econômicas e culturais das três regiões de origem dos escritores aqui estudados, que são também os espaços ficcionais em que se desenvolvem os enredos, são muito diferentes. Basta considerar o fato de que o Brasil é um país independente desde 1822, que a Angola obteve a independência apenas em 1975, depois de uma guerra sangrenta, ao passo que a Martinica ainda hoje tem o

estatuto de “Departamento e região do ultramarino francês” (DROM),⁴ embora isso não signifique que acabou a assimetria da relação com a metrópole. Em termos demográficos, as diferenças são nítidas também: de fato, as escalas não são as mesmas entre Luanda – que segundo as estatísticas do INE angolano passava os dois milhões de habitantes em 2014 (mais de 6,5 milhões para a aglomeração) –,⁵ Manaus – que em 2010 constava de 1,8 milhão de habitantes, segundo o censo do IBGE –,⁶ e uma cidade tal como Fort-de-France – que em 2014 teve 83 651 habitantes, segundo o censo do INSEE.⁷

No entanto, alguns aspetos dessas cidades e de suas representações literárias, tais como aparecem nesses romances, podem ser aproximados. Os entulhos dos prédios do largo de Kinaxixi fazem eco às cinzas do bairro Novo Eldorado, no texto de Hatoum, ou às demolições sucessivas das cabanas do bairro de Texaco, no texto de Chamoiseau. Da mesma forma, aludimos acima às distintas situações políticas dos três espaços representados pelos romances, mas há que se considerar a permanência da colonialidade – em particular sob a forma da assimilação cultural e do imperialismo econômico – como um fator que transcende ao fato de tais espaços serem ou não “independentes”. Ora, a colonização teria sido “o maior empreendimento de urbanização da história” (BATAILLON; DELER, THÉRY, 1998, p. 11). Nessa ótica, a explosão demográfica da América latina e da África no século XX pode ser considerada, de certa forma, como uma resultante da história colonial⁸. E a modernização das cidades, através de suas administrações, da formação dos discursos veiculados pelas elites urbanas e por meio também de seus traçados urbanísticos que impõem uma “ordem”⁹, foram instrumentos de poder e de controle. Ou seja, o modelo colonial estabelecia um ideal de cidade panóptica, organizada e controlável.

No romance de Pepetela, um tema central é a interrogação dos efeitos do colonialismo e logo das estratégias neocolonialistas. No texto de Chamoiseau, a herança devastadora da escravidão é posta em evidência, e a trama assinala a perpetuação de lógicas de dominação com o poder dos brancos “békés”, da administração pública francesa e das grandes empresas na Martinica atual. Como o escreveu um outro grande escritor da Martinica, o poeta Édouard Glissant (2000, p. 14): “Exalamos o cheiro desse país que desseca em nós, esse país / cai num sonho onde nem uma água borbulha”¹⁰. São versos que dizem muito a respeito da urbanização e das construções em concreto

⁴ Segundo o artigo 73 da Constituição da Quinta República francesa, as leis e os regulamentos aplicados na França metropolitana são também aplicados na Martinica, mas adaptações e particularidades existem. Desde 2015, a Martinica é uma “coletividade territorial única” que exerce as competências administrativas não apenas de um “departamento” mas também de uma “região”. Para mais informação, ver: <https://www.drom-com.fr/martinique/presentation-generale-martinique.htm>.

⁵ Ver a página internet do Instituto nacional de estatísticas de Angola: <http://www.ine.gov.ao>.

⁶ Ver a página internet do Instituto brasileiro de geografia e de estatísticas, <http://cidades.ibge.gov.br>.

⁷ Ver a página do Institut National de la Statistique et des Études Économiques: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/1405599?geo=COM-97209>.

⁸ “Hiperurbanização e hiperconcentração de população são também características de um continente [a América do Sul] marcado para sempre por essa fase de conquista. Daí podemos dizer que a América latina é ‘latina’ por meio de suas cidades” (TROIN, 2000, p. 133). A tradução é nossa.

⁹ A esse respeito, vale a pena ler o ensaio muito esclarecedor de Ángel Rama (1984).

¹⁰ A tradução é nossa. No texto original: « Nous humons ce pays qui tarit en nous, le pays / S'éloigne d'un tel songe où pas une eau ne bruit ».

que mutilam a natureza, mas também, num sentido mais simbólico, a respeito da despossessão cultural e social das especificidades antilhanas. Em *Cinzas do norte*, como em outros textos de Milton Hatoum, é evidenciada a aculturação de populações negras, indígenas e caboclas, assim como o isolamento da região amazônica no seio dos circuitos econômicos tanto nacionais quanto internacionais; nessa ótica, a ficção sugere como as ações dos empreendedores e a política dos militares que estavam no poder eram ligadas à hegemonia de potências como os Estados Unidos, no modelo do “capitalismo dependente” (para retomar os termos do sociólogo Florestan Fernandes)¹¹.

Parte II – A fragmentação urbana associada à fragmentação narrativa

Com 18 anos de intervalo, as datas de publicação dos romances remetem a uma era pós-colonial, após o fim da guerra fria, num momento em que o fenômeno da globalização da economia mundial se acelera cada vez mais, e no fim de meio século em que a taxa de urbanização cresceu muito, especialmente nos países ditos “em desenvolvimento”. Citamos aqui o geógrafo Jean-François Troin, para destacar a importância do fenômeno: “Essa pressão urbana é completamente diferente do crescimento das cidades do Norte durante o período de industrialização, considerando os respectivos ritmos de urbanização, seus fatores e suas repercussões sociais e espaciais”. O que leva o geógrafo a concluir: “Tal crescimento urbano se assemelha a uma ‘febre’ e modifica profundamente e rapidamente as hierarquias da urbanização mundial” (TROIN, 2000, p. 6).

Portanto, mesmo que, como o evidenciamos, os tamanhos de Luanda, Fort-de-France e Manaus não sejam os mesmos, e embora elas tenham fundos históricos diferentes (por exemplo, uma cidade como Manaus foi marcada pela época da borracha, entre o fim do século XIX e o início do século XX), todas elas cresceram muito nos anos recentes, especialmente entre a Segunda Guerra mundial e os anos 1980 nos casos brasileiro e martiniquense, e ainda mais nos dias atuais no caso de Luanda. Todas, assim sendo, chegaram a atravessar novos tipos de mutações nas últimas décadas. A urbanização, a modernização e o crescimento descomunal das cidades provocou uma fragmentação do espaço urbano, que tomou proporções ainda mais importantes nos países em desenvolvimento:

A grande cidade em desenvolvimento aparece cada vez mais como um puzzle de bairros, muitos diferentes uns dos outros por seu habitat, sua

¹¹ Florestan Fernandes designou com essa expressão a dupla articulação econômica, sob a égide dos EUA, que caracterizou o tipo de desenvolvimento do Brasil a partir da Segunda Guerra mundial, e sobretudo após o golpe militar de 1964: “Desde que esta se mantenha, o que tem lugar é um desenvolvimento capitalista dependente e, qualquer que seja o padrão para o qual ele tenda, incapaz de saturar todas as funções econômicas, socioculturais e políticas que ele deveria preencher no estágio correspondente do capitalismo. É claro que o crescimento capitalista se dá, acelerando a acumulação de capital ou a modernização institucional, mas mantendo, sempre, a expropriação capitalista externa e o subdesenvolvimento relativo, como condições e efeitos inelutáveis”. (FERNANDES, 2006, p. 339).

arquitetura, sua composição social, seus modos de vida [...]: são cacos de cidade, justapostos, que formam uma morfologia fragmentada. (TROIN, 2000, p. 39)

A fragmentação da cidade implica um desequilíbrio social e espacial grande entre polos inseridos no mundo global capitalista e outros marginalizados, entre centros e periferias, noções que empregamos aqui como operadores críticos. Obviamente, essas noções de centro e periferia devem ser estudadas como conceitos dinâmicos, uma vez que as cidades se transformam e as interações sociais, econômicas e demográficas estão em permanente mudança, mas essa dialética não deixa de ser produtiva para desvelar dicotomias profundas (por exemplo, entre bairros nobres e bairros pobres, ou entre o mundo urbano e o mundo rural), assim como lógicas de inclusão e exclusão que imperam nas cidades e nos circuitos da globalização.

Os romances, acompanhando os percursos dos personagens na cidade, deixam ver uma série de delimitações e fronteiras tanto físicas, inscritas na geografia concreta das cidades, quanto sociais e simbólicas. O romance de Chamoiseau, ao estabelecer contrastes fortes entre o bairro comunitário de Texaco e o centro da cidade, desenha assim uma geografia marcada pela segregação, não apenas espacial e social, mas que encobre questões raciais. Em *O desejo de Kianda*, os personagens mais ricos estão pensando em construir mansões em Luanda-Sul, o bairro-gueto dos novos ricos, com grades, segurança e áreas fechadas, querendo assim fugir do Kinaxixi para afastar-se tanto do perigo de ver os prédios desabarem quanto da pobreza que aumenta no centro da cidade. Em *Cinzas do norte*, o leitor acompanha a criação de bordas e franjas, e a progressiva exclusão de populações pobres que são removidas do centro da cidade ou que migram, desde regiões afastadas da Amazônia, para serem alojadas nos novos bairros, isolados e precários. Graças a um vaivém temporal da narração, que exige do leitor uma grande atenção, tanto mais que relatos intercaladas – cartas ou trechos de diários escritos pelos protagonistas – se intrometem no seio da narração principal contada por Lavo, a ficção de Hatoum permite reconfigurar a evolução de Manaus na segunda metade do século XX, com o crescimento demográfico mal controlado, a lógica do empreendedorismo urbano que compartimenta a cidade e a destruição de muitas casas de palafitas na Manaus antiga.

Portanto, através da complexidade temporal do romance, é possível observar o fato de que essa cidade foi profundamente alterada e transformada pelos projetos de modernização urbanística na época da ditadura, com a constituição da Zona Franca, criada em 1967 e que sintomaticamente dá as costas para o rio, como se o negasse. No decorrer do relato, os personagens Mundo e Ranulfo elaboram uma obra de arte chamada *Campo de cruces*, para opor-se à construção do novo bairro “Novo Eldorado”. A fundação dessa área residencial pobre, no norte de Manaus, um conjunto de casinhas sem alma e sem árvores, contribui para a deflorestação, sendo descrita como uma invasão do concreto sobre a natureza. Rapidamente o bairro se deteriora, ao ponto de se tornar, poucos anos depois de sua construção, um campo de cinzas e de cruces, tal como na obra de arte dos dois personagens. Nas palavras de Maria Zilda Cury, *Cinzas do norte*

revela a “consumação da matéria que forma a substância da memória, construindo um espaço como resto, como resíduo a que forçosamente se debruça o narrador” (CURY, 2009, p. 44).

A abordagem do crítico literário Henri Garric nos parece aqui fecunda. Para esse crítico literário francês, a fragmentação urbana tem como paralelo, no âmbito do texto, a fragmentação dos relatos contemporâneos, uma fragmentação que afeta a linearidade temporal assim como as estruturas formais nas quais os enredos se inserem. Em outras palavras, o texto refrataria “a destruição que constitui o cerne da experiência urbana” (GARRIC, 2007, p. 204), através de uma desconstrução dos percursos narrativos e dos passeios realizados pelos personagens, no seio de cidades erráticas. A fragmentação narrativa e a multiplicidade de relatos chamam a atenção, igualmente, do leitor em *Texaco*. Além de contar sua própria luta para construir o bairro de Texaco e mantê-lo frente ao poder das empresas e das autoridades políticas, a personagem-narradora, neta de escravos, reconstrói também as aventuras contadas por seu pai, um escravo alforriado. De tal maneira que os relatos de *Texaco* emaranham a realidade vivida pelos habitantes de Texaco à história da ilha da Martinica, dando a ver como os descendentes de escravos tentaram conquistar um lugar próprio no mundo urbano, após o fim da escravidão e com o desmoroamento das grandes propriedades rurais. Como o destacam Claudia Amigo Pinio e Keila Prado Costa:

Nas memórias do discurso do pai estão os motivos que levam a narradora a constituir na Cidade, sempre em letra maiúscula, um lugar para viver. Encontrá-lo seria encontrar o seu próprio lugar no mundo, e um lugar que não seria apenas para ela, mas para todos aqueles que haviam sido tirados de seu lugar à força, trazidos para as Américas para trabalhar como escravos; àqueles que haviam perdido seu espaço, sua vida e sua liberdade. (PINO; PRADO COSTA, 2011, p. 83).

Vislumbramos assim a continuidade de uma luta, dos escravos até seus descendentes, contra as separações sociais e espaciais. Por fim, no texto de Pepetela, há duas tramas que se entrecruzam: por um lado, uma diegese relativamente clássica, com um narrador que conta, na terceira pessoa, as aventuras de João Evangelista e de sua esposa Carmina, que vivem num prédio do lado do largo de Kinaxixi; por outro, uma voz mais lírica que evoca, num tom mítico, o cântico de Kianda, ouvida apenas por uma criança cujo nome, Cassandra, faz evidentemente referência à Antiguidade e à figura da profetisa nunca ouvida.

O romance, forma literária da urbe burguesa, vai ao encontro de novas articulações dessa urbe de regiões do “sul” e, paralelamente, no plano literário, explora novas articulações genéricas e narrativas. O exemplo dos dois discursos de Kianda (narração clássica/voz mítica) é característico de uma forma de inovação romanesca a partir da junção de várias tradições: os textos esboçam anacronismos criadores, reinvestindo símbolos, representações coletivas antigas e atuais, assim como tradições literárias de épocas distintas. Nesse sentido, esses textos confirmariam a tendência atual à

“reciclagem”, que Walter Moser identificou nos campos artísticos, e que se define por “várias fases de um gesto comportando ao mesmo tempo uma retomada e uma transformação” (MOSER; KLUCINSKAS, 2004, p. 2). Rompendo com a ideia de ruptura artística, a reciclagem seria uma prática artística de composição que se elabora a partir dos mais diversos materiais. Por outro lado, as temporalidades distintas dos relatos correspondem também com uma adaptação mais ou menos rápida à contemporaneidade, segundo os grupos sociais, as zonas de habitat e os indivíduos. E correspondem, sobretudo, às múltiplas memórias que fundam a geografia subjetiva das cidades. “Sob a escrita da tecnologia”, a literatura raspa o palimpsesto das cidades, desvelando o espaço urbano em movimento. Num perpétuo dinamismo, os textos se interessam pelas “ubiquidades” e pelas “estratificações heterogêneas” dos lugares, dando importância, com uma abundância de peripécias (os três autores, sem formalismos gratuitos, acreditam no prazer da narração), ao “imprevisível”, ao “tempo acidental” que os agita – os textos, desta forma, “inventam” ou reinventam “o cotidiano”, para retomar o vocabulário do pensador francês Michel de Certeau (1990, p. 296).

Parte III – Enunciações literárias que sugerem “uma outra globalização”?

Modernização, fragmentação e globalização. Entendida, num sentido amplo, como um fenômeno de interdependência entre as diferentes partes do mundo, a globalização não é um fenômeno tão recente. No século XIX, por meio do comércio da borracha e da chegada de muitos estrangeiros, já havia várias interações entre uma cidade como Manaus e outras partes do mundo, para mencionar apenas o exemplo da cidade brasileira. E poderíamos inclusive remontar a tempos mais antigos para voltar às origens do fenômeno da globalização: pensamos, em particular, a episódios tragicamente decisivos para a história dos espaços de referência nas três ficções estudadas: o comércio transatlântico negreiro, que se inicia no século XV, e a escravidão. Contudo, diferentes pensadores sociais tendem a sublinhar o fato de que o processo global, nas últimas décadas do século XX, tomou proporções inéditas, adotando outras formas. Apesar de ritmos e lógicas de urbanização diferentes segundo as áreas do planeta, o mundo inteiro passou por fenômenos similares, tais como a aceleração da circulação de bens e pessoas, a importância crescente de redes globalizadas em que se inserem metrópoles que concentram atividades financeiras, econômicas e culturais, assim como o aumento do fluxo de transportes. Para o geógrafo Milton Santos (2000, p. 23), “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”.

Evidentemente, o geógrafo brasileiro destaca a “existência de um novo sistema de técnicas”, em particular as técnicas de informação, que “envolvem o planeta como um todo” (SANTOS, 2000, p. 28). Mas ele sublinha o fato que, além dessas variáveis técnicas, a globalização resulta também de motivações políticas; nesse sentido, ele não

se contenta em observar a hipermobilidade do capital e o poder das empresas e instituições transnacionais, mas recoloca no primeiro plano o papel das estruturas de produção do capital, assim como os lugares, principalmente as cidades, que estão no coração desses processos de transformação da sociedade. As cidades são nós estratégicos, plataformas em que se realizam a maior parte da produção dos processos globais, assim como as trocas econômicas, culturais e sociais. Por outro lado, “frente à modernização globalizadora”, a cidade, na medida em que é um lugar complexo, com uma diversidade social e cultural imensa, “surge, sob muitos aspectos e com diferentes matrizes, como o lugar da resistência” (SANTOS, 2000, p. 92). De tal forma que Milton Santos qualifica a cidade de “lugar esquizofrênico”, já que “de um lado acolhe os vetores da globalização, que nele se instalam para impor sua nova ordem, e, do outro lado, nele se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados” (SANTOS, 2000, p. 114).

Constantemente, as contradições da globalização fazem das nossas três ficções campos de tensão. Uma tensão entre os bairros artificiais e precários no norte de Manaus, tal como o Novo Eldorado, e um velho centro destruído ou no qual apenas restam alguns monumentos para alimentar a economia do turismo; entre o velho Kinaxixi que se transformou num conjunto habitacional sem identidade, e os “musseques” em que vive uma população cada vez mais pobre; ou, por fim, entre um bairro que se encontra ilegalmente no terreno de propriedade de uma multinacional petrolífera e o centro da cidade, que para os moradores de Texaco é o lugar distante da administração dos brancos. Assim sendo, Milton Hatoum, Patrick Chamoiseau e Pepetela iluminam as contradições dos espaços urbanos na era da globalização, fazendo delas um espaço fecundo de invenção ficcional. Pode ser percebido nessas narrativas o embate entre, de um lado, o que o pensador indiano Homi Bhabha chama de “o local da cultura” (2007) e, do outro, o capitalismo vigente na era moderna. Essa tensão entre as culturas locais e aspectos globais afeta, certamente, o mundo inteiro, mas no caso dos espaços retratados pelas ficções estudadas, não devemos, mais uma vez, esquecer as condições não hegemônicas das áreas regionais ou nacionais em que se inserem as cidades representadas. A imposição de valores vindos de fora é um traço estrutural e antigo desses espaços.

Em *Texaco*, um urbanista da prefeitura chega com o projeto de demolir o bairro pobre. A voz de Marie-Sophie, restituída pelo “Oiseau de Cham”, se ergue então para tentar convencer o urbanista de renunciar a esse projeto de remoção e o urbanista acaba por entender a mensagem da velha mulher.¹² Ele entende que se não se trata apenas de

¹² É preciso dizer, aqui, que Patrick Chamoiseau sempre se interessou muito pelas questões urbanísticas e até mesmo foi encarregado, em 2011, por Serge Letchimy, ex-presidente da região da Martinica, da direção de um programa para a elaboração de projetos urbanísticos visando à criação de duas “áreas de atratividade regionais”: Saint-Pierre, no norte da ilha, e Trois-Ilets, no sul. Houve uma mudança da maioria política após as eleições regionais de 2015, e pouco tempo depois, em 2016, o escritor pediu a demissão desta função, decepcionado pelo andamento do trabalho feito pelos serviços da região. Nesta missão como em seus livros, em particular seu *Livret des villes du deuxième monde* [*Folheto das cidades do segundo mundo*] (2002), Chamoiseau defende um urbanismo à dimensão humana e poética, que não se fundamenta apenas em uma preocupação econômica ou funcional, mas que se edifica tomando em conta a memórias

preservar um lugar, mas que nesse lugar se encontra uma “poética” da coletividade, uma cultura crioula, plural, que faz viver o passado (em particular o passado dos escravos) e constrói um futuro.

Mas eu quero levar em conta o que eles dizem. Ouço-os soletrar o outro poema urbano, de ritmo novo, desnorteante, que precisamos decifrar e, inclusive, acompanhar... Pegar essa poética sem medo de sujar as mãos com o estado de sua ganga. Que barbárie seria demolir esse sistema, e que recuo inacreditável (CHAMOISEAU, 1993, p. 132).¹³

Afinal, o bairro de Texaco encarna, segundo o texto original em francês, uma conquista de “l’En-Ville” (da expressão “aller *en ville*”, com a preposição *en* que implica um movimento, uma apropriação da cidade) e corresponde à fundação utópica de um “lugar mágico” (p. 364), onde os descendentes de escravos podem expressar-se e viver livremente. Ou seja, como o esclarece o crítico João Luiz Peçanha Couto, “l’En-Ville define a cidade em devir, em processo, lugar que não deixa de se reinventar, um projeto sempre em construção” (PEÇANHA COUTO, 2016, p. 7).

Através das trajetórias individuais dos personagens, o que emerge aqui da ficção, claramente, é uma visão coletiva, à apropriação coletiva da cidade. O romance de Chamoiseau dá voz aos marginais e esquecidos da cidade, como a ficção se mostra atenta, na obra de Milton Hatoum, aos indígenas e caboclos que são desalojados de suas casas de palafitas; e, na obra de Pepetela, às tradições e lendas africanas, encarnadas por Kianda. Os textos, através de alguns personagens ou vozes narrativas, apontam para a “sociodiversidade” das grandes cidades, de tal maneira que surgem “políticas de baixo para cima” (SANTOS, 2000, p. 144) e que aparecem caminhos indicando talvez uma “outra globalização”, segundo o título sugestivo de Milton Santos. Neste sentido os textos se colocam do lado de uma contra-ordem frente à homogeneização e ao empobrecimento das culturas. Da mesma forma, eles apontam para uma forma de resistência ecológica. Contra a deflorestação na Amazônia e a edificação de grandes avenidas e prédios sem árvores, o que constitui um tema central de *Cinzas do norte*; contra a exploração imoderada dos recursos naturais, por parte de grandes grupos capitalistas, tal como a companhia petrolífera Texaco; contra o império do concreto que se alastra em toda a cidade de Luanda e provoca, no romance de Pepetela, a revolta de Kianda, sendo que no final do enredo a força das águas acaba por romper a grande ponte construída pelos portugueses para ligar a ilha de Luanda ao continente (e mais uma vez, vemos como, no plano alegórico, há um apelo para romper com as velhas estruturas do colonialismo).

dos lugares e das comunidades e valorizando os encontros, a solidariedade, as trocas interculturais, o amor e a frequentação das artes.

¹³ No texto original: “Moi je veux m’inquiéter de ce qu’ils disent. Je les entends épeler l’autre poème urbain, au rythme neuf, déroutant, qu’il nous faut décoder et même accompagner...Prendre leur poétique sans craindre de se salir les mains des états de sa gangue. Quelle barbarie ce serait de raser ce système, et quel recul sans nom.” (CHAMOISEAU, 1992, p. 186).

Conclusão

O romance, com autores tais como Chamoiseau, Pepetela e Hatoum, num contexto de grandes transformações sociais e de modernização econômica e urbanística, leva o leitor a apreender a articulação entre a esfera local e a cidade “global”, assim como a tensão entre uma visão unitária da cidade e a fragmentação dos discursos, dos bairros, das práticas urbanas. Nas narrativas destes autores, as culturas e as vivências dos personagens entram em choque com projetos de modernização inspirados – e muitas vezes impostos – por modelos europeus ou norte-americanos; portanto, os romances estudados nos levam a indagar se o “caos” que caracteriza muitos dos espaços urbanos não deve ser considerado como um diagrama vivo da experiência colonial moderna. É interessante notar que, nessas ficções, os bairros construídos ilegalmente e espontaneamente aparecem como lugares de resistência, onde se encontra um senso do coletivo e um habitat à dimensão humana, frente à cidade impositiva e ordenada das administrações políticas e dos grandes grupos imobiliários. Dando um olhar panorâmico sobre as produções artísticas atuais, Maria Zilda Cury observa que “estéticas da precariedade e da resistência ao esquecimento são marcas da arte contemporânea, lugares discursivos que assumem a precariedade como temática e como modo construtor de suas (fora do centro, marginais) enunciações” (CURY, 2013). Nesse sentido, os romances de Chamoiseau, Pepetela e Hatoum – com seus lugares discursivos periféricos e suas enunciações que promovem uma outra cidade, menos segmentada e excludente – vão muito além das fronteiras de suas respectivas literaturas nacionais.

Referências

- AUGÉ, M. *Non-lieux*. Introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Seuil, 1992.
- BATAILLON, C.; DELER, J.-P.; THÉRY, H. *Géographie universelle*. Amérique latine. Paris: Belin, Reclus, tome 2, 1998.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007 [1994].
- CELESTINO DE MACÊDO, T. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- CERTEAU, M. de. *L'invention du quotidien*. 1. Arts de faire. Paris: Gallimard, 1990 [1980].
- CHAMOISEAU, P. *Livret des villes du deuxième monde*, Paris, Monum - Éditions du patrimoine, 2002
- _____. *Texaco*, Trad. Rosa Freire D'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Texaco*. Paris: Gallimard, 1992.
- CURY, M. Z. “Poéticas da precariedade”, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, no. 41, jan/jun de 2013, p. 33-46.

- _____. *Topografias da cultura – Representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FERNANDES, F. *A Revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica, São Paulo: Globo, 2006 [1975].
- FLORES JÚNIOR, W. J. “Modernização pelo avesso: a São Paulo da década de 20 em *Os Contos de Belazarte*”. In: PENJON, J.; PASTA JUNIOR, A. (Org.). *Littérature et modernisation au Brésil*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004, p. 41-54.
- GARRIC, H. *Portraits de ville*. Marches et cartes: la représentation urbaine dans les discours contemporains. Paris: Honoré Champion, 2007.
- GLISSANT, É. *Pays rêvé, pays réel*. Paris: Gallimard, 2000 [1985].
- HATOUM, M. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das letras, 2010 [2005].
- LEFEBVRE, H. *Le droit à la ville suivi de Espace et politique*. Paris: Anthropos, 1972 [1968].
- MOSER, W.; KLUCINSKAS, Jean. “Introduction. L’esthétique à l’épreuve du recyclage culturel”. In: *Esthétiques et recyclages culturels*. Explorations de la culture contemporaine. Ottawa: Presses de l’université d’Ottawa, 2004, p. 1-27.
- NANCY, J.-L. “Images de la ville”. In: GUIHEUX, A. (Org.) *La ville qui fait signes*. Paris: Editions du Moniteur, 2004, p. 136-141.
- PAULET, J.-P. *Géographie urbaine*. Paris: Armand Colin, 2009.
- PEÇANHA COUTO, J. L. “A cidade dos quarenta mil abismos”, *Recorte (UninCor)*, v. 13, 2016, p. 1-22.
- PEPETELA. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 2013 [1992].
- _____. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PINO, C. A.; PRADO COSTA; K. “Que espaços são esses? Os ‘planetas-favelas’ de Patrick Chamoiseau e Paulo Lins”. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.2, jul./dez. 2011, p. 73-88.
- RAMA, Á. *La ciudad letrada*. Hanover: Ediciones del Norte, 1984.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- _____. *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- TROIN, J.-F. *Les métropoles des “Sud”*. Paris: Ellipses, 2000.

Recebido em: 30/08/2018

Aceito em: 23/11/2018

Referência eletrônica: WEIGEL, François. Perspectivas Ficcionalis Contemporâneas sobre a Modernização e a Globalização em Cidades do “Sul”: Leituras Cruzadas de Cinzas do Norte, O Desejo de Kianda e Texaco. *Criação & Crítica*, n. 22, p., dez. 2018. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.